



## **A ATUAÇÃO DO INTÉRPRETE DE LIBRAS EM TEMPOS DE PANDEMIA: reflexões acerca de possibilidades e desafios**

Rayssa Feitoza Felix dos Santos<sup>1</sup>

### **RESUMO**

O presente trabalho se insere na busca pela compreensão de como tem acontecido a inclusão de estudantes surdos durante a pandemia, mais especificamente como está sendo realizada a atuação dos intérpretes de Libras nesse período. Considerando que o intérprete tem sua atuação refletindo na aprendizagem do estudante surdo, devido a relação de proximidade entre o processo de interpretação e o processo de aprendizagem, se fazem necessárias reflexões acerca da atuação deste profissional em tempos de pandemia. Esta pesquisa possui abordagem qualitativa. O instrumento para coletas de dados foi um questionário. Nossa pesquisa contou com a participação de intérpretes educacionais de Libras que permaneceram atuando nesse período através de recursos tecnológicos. Como principais resultados obtivemos relatos de inclusão nas aulas remotas e, relato de desafios relacionados à levar o estudante a participar da aula e realizar as tarefas; dificuldades devido ao não fornecimento do suporte tecnológico necessário para atuação, falha no acesso à internet, entre outros.

**Palavras-chave:** Intérprete de Libras, Aulas remotas, Aluno surdo, Educação inclusiva.

### **INTRODUÇÃO**

Esta investigação se debruça sobre o estudo da educação inclusiva para surdos, mais especificamente sobre o estudo da atuação do tradutor e intérprete de Libras neste período em que atua de forma remota, algo que até poucos meses atrás era inimaginável no contexto educacional.

Ao considerar a forma atual de como a educação está se configurando, com professores precisando desconstruir e reconstruir métodos, com aulas que acontecem de forma virtual, sejam elas síncronas ou não, mas que exige de todos os envolvidos grande esforço e dedicação, percebemos o intérprete de Libras, envolto pelo desafio de continuar mediando o conhecimento mas, de outra forma, através de outros meios.

Propomos, portanto, esta pesquisa por compreendermos que presencialmente a atuação do intérprete já traz consigo grandes desafios, como outros papéis a ele incumbidos, a falta de comunicação efetiva com os professores das diversas disciplinas, o pouco conhecimento acerca de algumas áreas do conhecimento. Ao considerar, portanto, que em tempos de pandemia, além

---

<sup>1</sup> Mestra em Educação em Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, rayssa.felix@gmail.com.



destes e tantos outros desafios os intérpretes precisam também se apresentar através de plataformas ou a partir de gravações de vídeos, buscamos analisar esse cenário que se torna ainda mais complexo.

Para fundamentar nossa perspectiva teórica elegemos Mantoan (2015) e Carvalho (2019) na discussão sobre a educação inclusiva e, Quadros (2004) e Lacerda (2006) para o debate acerca da educação de surdos e do intérprete de Libras.

Nosso estudo através desta pesquisa tem como objetivo geral compreender as possibilidades e os desafios encontrados na atuação dos intérpretes de Libras no contexto pandêmico, em que as aulas estão ocorrendo de forma remota. E, como objetivos específicos: discutir elementos imprescindíveis da educação inclusiva para surdos; descrever as limitações e desafios da atuação do intérprete em aulas remotas; analisar possibilidades para atuação do intérprete nesse contexto.

## **METODOLOGIA**

Com vistas a alcançar os objetivos propostos e considerando as especificidades da nossa pesquisa que trata da atuação do intérprete de Libras, a classificamos a partir de uma abordagem qualitativa, que segundo Minayo (1995) está relacionada aos significados, às aspirações, crenças, valores e atitudes – dados não fixos e estáveis, mas subjetivos e provisórios como as relações que pretendemos analisar. Além disso podemos classificá-la como exploratória, tendo em vistas que por se tratar de uma realidade específica atual, poucos trabalhos versam sobre o tema.

Para realização da pesquisa utilizamos como ferramenta de coleta de dados um questionário que foi enviado, respondido e entregue virtualmente. Este foi o instrumento escolhido por possibilitar o contato com as informações direto dos sujeitos envolvidos no contexto, os intérpretes de Libras. Além disso, o questionário foi elaborado com questões de múltipla escolha e com questões abertas, para oportunizar aos participantes liberdade para que descrevessem de fato como tem acontecido a inclusão de estudantes surdos nesse contexto de pandemia, já que

as perguntas abertas são aquelas que permitem liberdade ilimitada de respostas ao informante. Nelas poderá ser utilizada linguagem própria do respondente. Elas trazem a vantagem de não haver influência das respostas pré-estabelecidas pelo pesquisador, pois o informante escreverá aquilo que lhe vier à mente (CHAER; DINIZ; RIBEIRO, 2011, p. 262).



Para análise dos dados, optamos pela análise de conteúdo que é a forma de análise que “espera compreender o pensamento do sujeito através do conteúdo expresso no texto, numa concepção transparente de linguagem” (CAREGNATO; MUTTI, 2006, p. 684).

Esta técnica de análise nos permite analisar e explicar os dados qualitativos coletados pelos questionários. Participaram da pesquisa intérpretes educacionais que permaneceram atuando durante o período de pandemia.

Por questões éticas, não informaremos os nomes dos participantes, utilizaremos IP para nos referir aos intérpretes participantes, com vistas a não serem identificados.

## **REFLEXÕES ACERCA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA PARA SURDOS**

São notórias as transformações ocorridas na educação nas últimas décadas. Leis, decretos, políticas têm sido elaborados com vistas a uma educação na perspectiva inclusiva. Neste sentido, ao pensar na educação inclusiva para surdos, temos importantes marcos legais, como é o caso da Lei 10.436 de 2002 que reconhece a Libras como língua oficial da comunidade surda brasileira (BRASIL, 2002); o decreto 5.626 de 2005 que regulamenta a lei supracitada e determina com mais detalhes ações que devem ser realizadas com vistas a efetivar a inclusão social e educacional das pessoas surdas (BRASIL, 2005).

Ainda nesse contexto de marcos legais na trajetória de conquistas da comunidade surda, temos ainda a Lei nº 12.319 de 1º de setembro de 2010 que regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete de Libras (BRASIL, 2010).

A partir da compreensão dos direitos das pessoas surdas no que se refere ao uso da sua língua e à atuação de um intérprete de Libras durante as aulas do estudante surdo, vamos discutir um pouco sobre os elementos necessários para a inclusão desse público na escola considerada inclusiva, afinal, “não podemos negar o que já conquistamos, como se estivéssemos partindo do zero” (CARVALHO, 2019, p. 90).

Para iniciar, vamos refletir sobre o que é inclusão? A Constituição Federal prevê o direito à educação para todos os cidadãos (BRASIL, 1988). Mas, o que compreendemos por inclusão? Por vezes nos deparamos com a compreensão de que determinada escola é inclusiva, pelo simples fato que uma (ou mais) pessoas com deficiência estão matriculadas e frequentando esta escola.



No entanto, se olharmos para o trajeto pelo qual passou a educação nesta perspectiva de incluir pessoas com deficiência, perceberemos que houve algumas fases: a eliminação, a segregação, a integração e a inclusão.

A classificação que mais se adequa a realidade relatada é a da integração, que diz respeito ao que acontece quando o estudante frequenta o ambiente escolar, apenas. Na fase da integração não há participação ativa dos estudantes com deficiência na construção do seu próprio conhecimento. O alunos com deficiência permanece na sala durante as aulas mas, na maioria das vezes não se sentem pertencentes àquele ambiente, uma vez que não participam das atividades como os demais colegas. A inclusão “é incompatível com a integração, pois prevê a inserção escolar de forma radical, completa e sistemática” (MANTOAN 2015, p. 27, 28).

Portanto, podemos notar que mais do que apenas permitir ou viabilizar o acesso dos estudantes à escola, mas garantir-lhe o direito a permanecer com qualidade. E, para que isso aconteça, alguns fatores e elementos são indispensáveis para a esse contexto.

Primeiro fato quem vem à mente de muitas pessoas é a necessidade da atuação do intérprete, que é o profissional que possibilita a mediação entre colegas surdo e demais colegas ouvintes, professor e estudante surdo (QUADROS, 2004).

A importância da atuação deste profissional é inquestionável no contexto da educação inclusiva em classes regulares. No entanto, entende-se que este profissional não é a única e suficiente solução para a inclusão de estudantes surdos.

a presença do intérprete de língua de sinais não é suficiente para uma inclusão satisfatória, sendo necessária uma série de outras providências para que este aluno possa ser atendido adequadamente: adequação curricular, aspectos didáticos e metodológicos, conhecimentos sobre a surdez e sobre a língua de sinais, entre outros (LACERDA, 2006, p. 176).

Métodos, estratégias precisam fazer parte do dia-a-dia na sala de aula, para que estes estudantes se sintam de fato pertencentes à sala, às aulas. O senso de pertencimento se torna ainda mais relevante quando falamos sobre educação inclusiva. Todos os estudantes precisam sentir-se parte dos processos de ensino e aprendizagem.

Exemplos simples de estratégias que podem ser utilizadas em sala de aula, pelo professor são imagens relacionadas ao conteúdo, pois, considerando que as experiências dos surdos em sua maioria ocorrem através da visão, sua percepção de mundo é visual, então o uso de imagens, materiais concretos, colaboram para uma melhor compreensão por parte destes estudantes.



Mantoan (2017, p. 42) afirma que “recriar o processo educativo vigente em nossas escolas, nas suas salas de aula, no ensino comum e na formação dos professores é um projeto ambicioso, mas possível”.

A partir do exposto compreendemos que as experiências das pessoas surdas ocorrem a partir da visão. Assim, a atuação do intérprete de Libras, que comunicará a aula na língua visuo-espacial do surdo é imprescindível; assim como recursos visuais, como imagens, materiais, além de enfim, tudo o que possa colaborar com a compreensão do surdo a partir da visão.

## **EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA**

Estamos vivenciando uma situação diferente do que já havíamos experienciado. A iminência da possibilidade de contrair uma doença que pouco se conhece a respeito e que pode evoluir rapidamente para uma condição grave, a necessidade de afastar-se do convívio social, permanecer em casa e, em casa trabalhar, estudar, são situações trazidas pela Pandemia causada pelo COVID-19 e com as quais estamos tendo que conviver.

Decisões como o afastamento social foram tomadas no enfrentamento à pandemia. Conseqüentemente esta situação afetou em elevado grau a dinâmica escolar. No entanto, apesar das escolas fechadas, a educação não parou nesse momento difícil. Professores se reinventaram nesse período e estão se adaptando a uma nova forma de ensinar, de interagir com os alunos. “A flexibilização do percurso de ensino começou a ocorrer on-line, de forma assíncrona, e toda a comunidade escolar (profissionais de educação, alunos e famílias) está tendo que adequar suas práticas educativas, de alguma forma e com certa rapidez” (ABREU, 2020, p. 156).

A rotina é diferente, as aulas acontecem em casa, o professor grava e envia a aula, ou acessa uma plataforma no mesmo horário que os estudantes e interagem. Entretanto, para que isso aconteça, recursos são necessários. Recursos esses, em sua maioria, tecnológicos. Abreu (2020) esclarece que apesar de ser necessário pessoal, ambiente, material, entre outros para que seja efetivada a inclusão nas escolas,

no momento de pandemia, para a educação tornar-se inclusiva os materiais necessários, prioritariamente, são os suportes tecnológicos, como equipamentos eletrônicos e acesso à internet, para estabelecer a interatividade e acessar as atividades disponibilizadas nos ambientes virtuais (ABREU, 2020, p. 156).

Teoricamente, com o suporte tecnológico necessário, os estudantes se conectam aos seus professores, ao conhecimento. Todavia, se voltarmos nossos olhos para os estudantes surdos, verificaremos que algo mais é necessário. Mais um profissional precisa estar conectado, além



do professor, e com o suporte necessário para executar seu trabalho. E não apenas estar conectado tecnologicamente, mas, conectado ao aluno. Lacerda (2006) compreende a relação entre intérprete e aluno surdo muito próxima.

Alguém que trabalhe em sala de aula, com alunos, tendo com eles uma relação estreita, cotidiana, não pode fazer sinais – interpretando – sem se importar se está sendo compreendido, ou se o aluno está aprendendo. Nessa experiência, o interpretar e o aprender estão indissolavelmente unidos e o intérprete educacional assume, inerentemente ao seu papel, a função de também educar o aluno (LACERDA, 2006, p. 174).

Nesse sentido, o trabalho do intérprete de Libras não se resume a apenas sinalizar, mas sua atuação está ligada ao processo de aprendizagem do surdo e, como o intérprete não é uma máquina, as subjetividades permeiam as relações estabelecidas nesse processo. Por inúmeros motivos o intérprete de Libras pode influenciar positiva ou negativamente a aprendizagem do discente surdo (SANTOS, 2017). É fácil encontrarmos intérpretes preocupados com a aprendizagem dos estudantes surdos, e que estabelecem uma relação para além de apenas sinalizar para alguém, geralmente intérprete e surdo conversam sobre a construção do conhecimento, devendo esse também ser um ponto a ser considerado.

Outro aspecto a ser pensado na educação remota para surdos é a aquisição da linguagem, caso ele esteja nessa fase, pois

principalmente no que tange à questão linguística de apropriação e desenvolvimento na língua materna e do português escrito, em que a escola se apresenta como espaço para os saltos na aquisição da linguagem, entendemos que, na educação de surdos, o ensino remoto não tem conseguido obter resultados aparentemente positivos (SHIMAZAKI; MENEGASSI; FELLINI, 2020, p. 15).

Assim, encontramos diversos aspectos a serem considerados nesse contexto. Para o momento, analisaremos algumas limitações, desafios e possibilidades da atuação do intérprete de Libras elencadas pelos participantes da pesquisa.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Diante do que foi expressado pelos intérpretes no questionário, acerca dos desafios da interpretação remota, temos o seguinte panorama: os maiores desafios têm sido o uso da tecnologia, englobando por exemplo, o não fornecimento de materiais necessários para a atuação remota, falha em equipamentos, instabilidade em sistemas e aplicativos usados para as aulas, falha na conexão da internet, entre outras dificuldades relacionadas a “Material tecnológicos acesso a internet” (IP).



Como perspectivas relacionadas às condições de trabalho, os intérpretes de Libras relataram que alguns ajustes poderiam contribuir para uma melhor atuação. Um ponto bastante citado foi a necessidade de recursos tecnológicos que possibilitem a execução do trabalho com qualidade.

Alguns relatos sobre as necessidades relacionadas ao item recursos tecnológicos foram, por exemplo: “Material tecnológicos acesso a internet” (IP); “A incerteza da conexão, a falta de recursos materiais para realizar o trabalho com maior qualidade” (IP). “Urgentes recursos deveriam ser destinados a educação inclusiva, para que os estudantes surdos tivessem acesso às plataformas, recursos para professores, alunos e outros profissionais que precisam atender aos estudantes”.

Abreu (2020) afirma que em tempos de pandemia os recursos tecnológicos são necessárias para a educação tornar-se inclusiva. No entanto, quando perguntado se foi disponibilizado materiais/recursos tecnológicos para interpretar de forma remota todos os participantes responderam que não. Um dos intérpretes comentou que “Não. Pelo contrário, eu aumentei meu pacote de internet pra dar conta do trabalho”. Assim, compreendemos que como as instituições não forneceram materiais, nem recursos tecnológicos aos intérpretes, os mesmos estão trabalhando com o que têm. Alguns utilizam o celular, outros têm notebook, este do relato acima precisou aumentar por conta própria seu plano de internet, com vistas a proporcionar ao estudante surdo melhor qualidade no acesso ao conhecimento.

Além das questões técnicas, outros desafios e possibilidades foram mencionados pelos participantes. Intérpretes relataram que os alunos que estão participando de forma ativa das aulas, ao mesmo tempo em que esse é um ponto preocupante para outros intérpretes. Inclusive, um dos intérpretes informou que os maiores desafios que tem enfrentado é “Fazer com que o educando Surdo participe das aulas, e realização das atividades postadas” (IP). Acerca da educação de surdos, Santos (2020) afirma que são necessárias ações que possibilitem o acolhimento e que produzam sentimentos de pertencimento nos estudantes surdos. Neste sentido, ações precisam acontecer para que estes estudantes que ainda não estão participando, de fato participem da construção de seu conhecimento. Professores e intérpretes podem contribuir para que essa participação mais ativa aconteça.

Ainda sobre essa participação e interesse dos estudantes, um intérprete relatou que

Esse período tem sido bem desafiador para qualquer atuação profissional. As adaptações aos recursos tecnológicos, **o fazer uso deles de maneira que estimule** o aluno com Deficiência Auditiva ou Surdez **a participarem das aulas online e interagirem** tirando suas dúvidas, **despertando neles o interesse**, a **autoestima** e adaptação aos novos métodos e recursos de aprendizagem para que **não percam o foco** (IP, grifos nossos).



No relato acima, percebemos que não apenas disponibilizar as tecnologias é necessário, mas, utilizá-las corretamente com vistas a proporcionar a melhor experiência de aprendizagem possível para os estudantes.

Ainda sobre possibilidades de melhoria na atuação, um intérprete relatou a necessidade de ter “Acesso ao conteúdo das aulas com antecedência”. Franzin e Geller (2019, p. 301) corroboram ao afirmar que a “escola inclusiva deve ter [...] material disponibilizado com antecedência para o intérprete ter ciência do que vai ser trabalhado em aula”.

Apesar de ter sido disponibilizado um ambiente virtual para que estudantes e profissionais tenham acesso e deem continuidade aos processos de ensino e aprendizagem, podemos refletir que “a simples inserção do aluno surdo na escola regular não provoca mudanças nas atitudes dos professores, diferentemente do que vem sendo discutido nas propostas de integração/inclusão” (MACHADO, 2006, p. 58).

Assim, intérpretes precisam em muitos casos orientar os professores acerca da realidade do estudante surdo por ser ele, geralmente, o profissional que mais tem conhecimento sobre as especificidades do estudante surdo. Perguntamos, portanto, aos intérpretes de Libras se eles estão tendo durante esse período de aulas remotas contato com os professores regentes. E, todos afirmaram que sim, em suma, afirmaram que conseguem facilmente entrar em contato com os professores quando necessário e que sempre conversam sobre o desenvolvimento ou dúvidas dos estudantes surdos.

Como afirmou um dos intérpretes participantes esse “período tem sido bem desafiador para qualquer atuação profissional”. E, é compreensível que seja de fato desafiador para todos os envolvidos, uma vez que não havíamos passado por outro momento semelhante, nem esperávamos por essa pandemia. Diante do exposto, inferimos que os profissionais têm se reinventado e procurado soluções urgentes, utilizando o que dispõe, para dar continuidade às suas atividades.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir da investigação fica clara a necessidade de maiores investimentos na educação como um todo e na educação especial, para que sejam providos os materiais necessários para atuação. Assim, como é preciso maior esclarecimento sobre as especificidades da pessoa surda por toda a comunidade escolar, para que compreendam suas necessidades.



Ao refletir sobre os desafios e as possibilidades para a atuação dos intérpretes de Libras em aulas remotas, partindo das contribuições dos autores e do que foi exposto pelos intérpretes acerca da inclusão dos estudantes surdos nesse período delicado de aulas virtuais, podemos inferir que é possível ter alunos surdos participativos durante as aulas, mas que é um desafio diário, que compete a intérpretes e professores do ensino regular.

Considerando que a pandemia ainda não acabou, muito embora as atitudes da população demonstrem o contrário acreditamos ser relevante que investigações se aprofundem nos estudos acerca de aspectos relacionados à temática abordada por esta pesquisa. Como tem acontecido a avaliação dos estudantes surdos no período de pandemia? Quais resultados esse período poderá trazer para os processos de ensino e aprendizagem dos estudantes surdos acadêmica, social e linguisticamente? Quais as possibilidades de atividades a serem feitas no retorno às aulas presenciais, considerando as especificidades dos alunos surdos, para que eles sintam-se abraçados após esse período desafiador e de perdas para muitos? São exemplos de reflexões, entre tantos outros, que podem nos levar a continuar pesquisando aspectos relacionados ao ensino remoto e à inclusão.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos intérpretes que participaram da pesquisa, contribuindo com o relato de suas experiências, minha imensa gratidão. Sigamos juntos em busca de uma educação realmente INCLUSIVA!

## **REFERÊNCIAS**

ABREU, B. M. Inclusão e acessibilidade em tempos de pandemia. **Pedagogia em Ação**, Belo Horizonte, v.13, n. 1, 2020.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm) Acesso em: 26 out. 2020

BRASIL. **Lei Nº. 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília: Secretaria de Educação Especial, 25 abr. 2002. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm) Acesso em: 27 out. 2020

BRASIL. **Decreto nº 5626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. 2005. Disponível



em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm). Acesso em: 27 out. 2020

BRASIL. **Lei Nº 12.319, de 1º de setembro de 2010**. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 02 set. 2010. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm). Acesso em: 27 out. 2020

CAREGNATO, R. C. A; MUTTI, R. **Pesquisa qualitativa**: análise de discurso versus análise de Conteúdo. *Texto Contexto Enferm*, Florianópolis, 15(4), p. 679-684, out.-dez. 2006.

CARVALHO, R. E. **Removendo barreiras para a aprendizagem**: educação inclusiva. ed. 11, Porto Alegre: Mediação, 2019.

CHAER, G; DINIZ, R. R. P; RIBEIRO, E. A. A técnica do questionário na pesquisa educacional. **Evidência**, Araxá, v. 7, n. 7, p. 251-266, 2011.

FRANZIN, R. F; GELLER, M. Ações pedagógicas colaborativas e inclusivas na percepção do professor da educação básica e intérprete de libras no processo de formação continuada. **Interfaces da Educ.**, Paranaíba, v. 10, n. 30, p. 290-314, 2019.

LACERDA, C. B. F. A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 26, n. 69, p. 163-184, maio/ago. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ccedes/v26n69/a04v2669.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2020.

MACHADO, P. C. Integração / Inclusão na escola regular: um olhar do egresso surdo. In: QUADROS, R. M. (Org.). **Estudos Surdos I**. Petrópolis: Arara Azul, 2006.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar**: o que é? Por quê? Como fazer? 1. reimpressão, São Paulo: Summus, 2015.

MANTOAN, M. T. E. Inclusão, diferença e deficiência: sentidos, deslocamentos, proposições. **Inc.Soc.**, Brasília, DF, v.10 n.2, p.37-46, jan./jun. 2017.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social**: Teoria, Método e Criatividade. Petrópolis: Vozes, 1995.

QUADROS, R. M. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Secretaria de Educação Especial. Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos - Brasília: MEC; SEESP, 2004.

SANTOS, R. F. F. O direito do discente surdo: reflexões acerca da influência do intérprete de Libras na sua aprendizagem. **Anais do II Congresso Regional de Direitos Humanos de GEPIDH**. v. 1, 2017

SANTOS, R. F. F. **Relação entre o professor de matemática e o intérprete de Libras**: diferenças e repetições no processo de ensino. 2020. 122 f. Dissertação (Mestrado em

Educação em Ciências e Matemática) – Campus do Agreste, Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2020.

SHIMAZAKI, E. M; MENEGASSI, R. J; FELLINI, D. G. N. Ensino remoto para alunos surdos em tempos de pandemia. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-17, 2020.